

A MARGEM EM *MAINA MENDES*, DE MARIA VELHO DA COSTA: DE ESPAÇO DE EXCLUSÃO A ESPAÇO DE RESISTÊNCIA

Adriana Monfardini*

Resumo

Observamos, neste artigo, a representação dos espaços de marginalização em *Maina Mendes*, considerando as personagens Hortelinda, Maina Mendes, Dália e mãe de Maina Mendes, em sua inter-relação com o meio. Enquanto as duas últimas caracterizam-se pela submissão inconsciente, as primeiras assumem uma posição de protesto e resistência frente à ordem estabelecida.

Palavras-chave

Identidade; Marginalização; Maria Velho da Costa; Mulher; Romance.

Abstract

This paper discusses the representation of spaces of marginalization in *Maina Mendes*, considering the characters Hortelinda, Dalia, Maina Mendes, and her mother, in their interrelation with the environment. While Hortelinda and Maina are characterized by unconscious submission, the other two assume a posture of protest and resistance against the established order.

Keywords

Identity; Marginalization; Maria Velho da Costa; Novel; Woman.

* Doutora em Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM - 97105-900 - Santa Maria - RS – Brasil. E-mail: adrianamonfardini@yahoo.com.br

Neste trabalho, abordaremos o problema da exclusão social, observando como estão representados e constituídos textualmente os espaços de marginalização da mulher no romance *Maina Mendes*, de Maria Velho da Costa. O romance, afora os aspectos sócio-históricos mais gerais, toca na questão da identidade feminina e no papel da mulher numa sociedade patriarcal. Excluída desde sempre do centro do poder, a mulher se constrói a partir da margem. Porém a marginalidade, aqui, assume um caráter diferenciado: deixa de ser simplesmente o espaço para onde são impelidos os destituídos de poder e passa a ser um espaço de resistência, não mais imposto, mas exigido. Entretanto, essa rebeldia não marca todo o segmento excluído (no caso, o das mulheres). Pode-se perceber, no romance, uma oposição entre um tipo de personagem que está conformada ao seu papel social, e por isso mesmo não tem consciência de sua marginalidade, e um segundo tipo que não se amolda ao papel social que lhe é imposto e que, consciente de sua posição marginal, a assume numa atitude de confronto e diferenciação em relação aos padrões estabelecidos. Para evidenciar essa oposição, consideraremos, neste trabalho, as personagens Hortelinda e Maina Mendes, de um lado, e Dália e mãe de Maina Mendes, de outro.

Desde já fica claro que as personagens consideradas no romance não são excluídos sociais, marginais no sentido mais comum do termo; ao contrário, são elementos que possuem um papel social dentro da ordem instituída. O papel social, segundo Burke, é “definido com base nos padrões ou normas de comportamento que se esperam daquele que ocupa determinada posição na estrutura social” (BURKE, 2002, p. 71). No romance, a marginalização das personagens se dá, assim, não pelo fato de elas estarem à margem do sistema, sem uma função social definida, mas pelo fato de essa função ter um valor secundário dentro desse sistema. No caso de Maina Mendes e Hortelinda, a marginalização se dá mesmo pelo fato de elas frustrarem as expectativas com relação ao cumprimento de seu papel social. Além disso, a marginalização contestada no romance diz menos respeito à classe que ao gênero. É o papel da mulher e a sua marginalidade dentro do centro da sociedade que é o objeto de reflexão.

A não ocupação de um lugar próprio, o não cumprimento de um papel social se revelam, assim, como táticas de resistência frente a uma ordem instituída. Essas táticas contribuem para a construção de uma identidade de resistência, definida por Castells como a identidade

criada por atores sociais que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos (CASTELLS, 1999, p. 24).

Em vista disso, Maina Mendes e Hortelinda podem ser consideradas objetos destoantes dentro da estrutura social. A própria ligação entre as duas já é marcada por um contra-senso aos olhos da sociedade burguesa: Maina Mendes é filha de uma família distinta e abastada, enquanto Hortelinda não passa de uma reles cozinheira. A relação que se estabelece entre elas rompe com a norma vigente, não condizendo com o padrão de comportamento normalmente observado nas relações patrão–empregado.

Além disso, Maina Mendes é uma heroína insólita. A começar pelo nome, que lembra o verbo “amainar”, induzindo a uma relação que não se confirma: o “amainamento” de Maina Mendes é superficial; em seu interior repousa uma

“quieta ira”, uma “fúria de fêmea e atilada”, que em dados momentos transborda e em seguida volta a se recolher, mas permanece. Não deixa também de chamar a atenção o fato de a heroína, que dá seu nome ao romance, ser a personagem cuja voz menos se escuta. Mas talvez o que haja de mais insólito em Maina Mendes seja o fato de ela aceitar e exigir a sua marginalidade, fazendo desse espaço marginal um espaço de diferenciação e resistência. Assim, a subtração do direito à palavra é convertida, em Maina Mendes, em mudez voluntária, assim como é voluntária a sua exclusão do convívio social. Desse modo, Maina Mendes se nega a praticar o jogo das convenções, em que a mulher é necessária como presença figurativa, mas não atuante. Assim, a personagem entra em choque com as regras estabelecidas, segundo as quais à mulher não é permitido jogar, mas muito menos sair de campo.

É importante notar que a ira de Maina Mendes volta-se não contra os homens, representantes do poder constituído, mas contra as mulheres que se submetem mansa e inconscientemente a esse poder. Representativas dessa classe de mulheres são a mãe de Maina Mendes e a serviçal Dália. Note-se que a mãe sequer é nomeada no texto. São personagens marcadas pela passividade, pela submissão, pelo asseio. As próprias atividades com que se ocupam essas mulheres em momentos de distração (o bordado, o crochê) são marcadas pela quase inércia. Mesmo no caso de atividades de utilidade prática, como a organização da casa, essas se apoiam na necessidade de deixar ou recolocar as coisas nos seus devidos lugares, limpas e certas. Veja-se, a propósito, a descrição de Dália em serviço:

Perfeita no serviço, vê-la em remanso é saber lá dentro uma cesta de vime, baixa e larga, onde se acamam os lençóis sem vinco e por igual dobrados, os guardanapos de linho, o monograma em todos acertado, os panos de cozinha como guardanapos, os naperons gomados, todas as pontas tesas e cada rima com seu lugar previsto (COSTA, 1977, p. 40).

Esse cuidado em pôr no lugar, em conter, se estende também aos cuidados com a aparência pessoal, o que pode ser verificado no asseio da mãe de Maina Mendes:

No quarto, os ganchos do cabelo vão da pedra mármore à altura dos seios já presos, acima dos músculos já hirtos no cingir das barbas de baleia e dos colchetes, vão da pedra aos dedos escorrentes e ao cabelo tombado na nuca e que já vai sendo erguido, madeixa após madeixa sombria no ainda pouco claro da manhã. E o cabelo assim concertado desfaz-se junto à frente esquerda para crescer mais um aperto enredado que tomará luz, tirará volume (COSTA, 1977, p. 24).

Do mesmo modo, é necessário que a mãe procure constantemente conter, ajeitar a filha:

E já a mão em cone mole se estende ao folho de goma esfacelada, já o tafetá do laço será entesado com a demora de um quarto de manhã, já sonogado o paio, já Maina Mendes com futuro acatado (COSTA, 1977, p. 34).

O “futuro” da mulher, que a mãe inconscientemente aceita, é preparado com desvelo, pois ela sabe que é este o seu dever:

O dever de que as que lhe nascessem fêmeas fossem senhoras a ajeitar, a mãe diminui-lhe o nome, encolher a quer e tolhê-la ao fofo e à compostura, os bandós pesados e afinal em seu lugar medido (COSTA, 1977, p. 33).

O asseio quanto à aparência é significativo dentro de um espaço social ocupado pela mulher. Simone de Beauvoir já destacara o duplo caráter da *toilette*: “destina-se a manifestar a dignidade social da mulher (padrão de vida, fortuna, meio a que pertence), mas ao mesmo tempo concretiza o narcisismo feminino” (BEAUVOIR, 1980, p. 295). É notável, também aqui, o descompasso de Maina Mendes com relação às convenções: a personagem não demonstra vaidade, nem asseio, nem qualquer preocupação quanto à sua imagem pessoal; tanto que, quando da sua partida para a nova casa em função de seu casamento, merece a repreensão da própria Hortelinda: “mas pra que essas pobrizes de ir a cumprir pena, de ir fugida a convento, de deixar aqui o rico como roupa de defunto?” (COSTA, 1977, p. 83). Esse despojamento voluntário de Maina Mendes marca sua recusa a esse papel ornamental imposto a mulher.

Registre-se, porém, que, enquanto a atitude de Maina Mendes implica uma consciência crítica acerca de sua real condição, na mãe de Maina Mendes, “o pensamento ali não é” (COSTA, 1977, p. 24), evidenciando que não há consciência acerca dos atos já involuntariamente praticados, de tão repetidos e solidificados na tradição. A mãe de Maina Mendes é como um “animal cordato que se afina a pelagem, diariamente acossado pela mesma carga de seu encanto e mansidão” (COSTA, 1977, p. 24). E por isso Maina Mendes – que se amua com essa arrumação das coisas cada uma em seu “lugar previsto”, que se revolta contra essa “minúcia de preservar-se” – revolve-se em “asco e ira” mas também em “tremendo e inconstituido dó” e “pasma” diante dessa condição que é quase uma sentença irrecorrível.

A revolta de Maina Mendes se configura já em sua primeira aparição no texto, na cena em que desenha a dedo (e em silêncio) no vidro da janela um barco a vapor e uma tesoura aberta. Fuga e corte, ruptura com uma “casa que não é lição de vida” por “tão conhecida em suas leis” (COSTA, 1977, p. 23). Essa cena inicial antecipa toda a trajetória da heroína no romance, evidenciando desde o início sua índole rebelde, marcada “por uma qualidade de fero amuo [...], pela firme constância em desapontar, não pela vivacidade, mas pela parcimônia e pela contenção levadas até ao absurdo” (COSTA, 1977, p. 23), absurdo que se revela no mutismo voluntário, no seu comportamento excêntrico, na loucura finalmente atestada.

Também o ódio a Dália nutrido por Maina Mendes é significativo dessa ira contra a falta de consciência feminina diante de sua realidade social. Assim como Hortelinda, Dália é uma serviçal, pertencente, portanto, a uma classe social e economicamente desfavorecida. Entretanto, contrariamente à cozinheira, Dália aspira à ascensão social:

Dália é a imagem e semelhança de seus patrões muitos, pois partirá sempre à proposta de casa de melhor talher e mais fino luxar. E como tudo que é à imagem e semelhança, tensa de desejo e grotesca. Com recato lhes cobiça os proveitos e lhes odeia com cuidado os filhos menores. Com os maiores e pais tem gasta sua donzelia perdida e deles aguarda, com cautela ainda, que a tornem dona (COSTA, 1977, p. 40)

Note-se que neste fragmento está implícita toda uma crítica à cobiça e à hipocrisia burguesa, pois Dália é à “imagem e semelhança de seus patrões”. No que se refere à cobiça de Dália, o que à primeira vista poderia parecer um impulso da serviçal no sentido de uma mudança se revela, na verdade, como conformidade com o que é imposto às mulheres: a submissão e a passividade. Dália não é agente de seu destino, por isso espera que “a tornem” dona; a

decisão é masculina, e à mulher cabe a atitude passiva da espera. Neste aspecto, Dália é tão “cordata” quanto a mãe de Maina Mendes, pois aspira não à independência e autonomia feminina, mas simplesmente à ascensão a esse “lugar medido” que cabe às mulheres, esse mesmo lugar que não pode conter Maina Mendes.

Enquanto a mãe de Maina Mendes e Dália vinculam seus destinos à proteção masculina, Maina Mendes (e junto com ela também Hortelinda) renuncia a essa proteção em favor de sua autonomia. Diz Maina Mendes a Hortelinda:

não é do querer de homens de vinho fino e siso palavreiro que espero [...] Só conheço querer que não me tolha na tua companhia e não busquei homem mas guarida segura para seguir sendo sem dono e sem repouso que me quebre (COSTA, 1977, p. 84).

Para ser “sem dono” é preciso renunciar a todas as convenções e talvez, como Maina Mendes, chegar à loucura, ao espaço em que impera uma outra ordem, que jamais obedece à ordem legítima. O silêncio de Maina Mendes é também uma outra ordem de discurso. Tanto a loucura como o silêncio não podem ser dominados ou manipulados, podendo, por isso mesmo, serem utilizados como táticas de resistência. Tática é definida, aqui, a partir de Michel de Certeau, como “a arte do fraco”, determinada pela “ausência de poder” (CERTEAU, 2003, p. 101). “A tática é o movimento dentro do campo de visão do inimigo [...] e no espaço por ele controlado” (CERTEAU, 2003, p. 100). Segundo de Certeau, o indivíduo que se acha submetido a uma lei imposta pode subverter essa lei, tirando proveito dela, sem no entanto contrariá-la. Da mesma forma que há estilos ou maneiras de utilizar uma língua, por exemplo, há o que o autor chama “maneiras de fazer”.

Esses estilos de ação intervêm num campo que os regula num primeiro nível [...], mas introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro [...]. Assimiláveis a modos de emprego, essas “maneiras de fazer” criam um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes e interferentes (CERTEAU, 2003, p. 92).

Desse modo, usando o silêncio, Maina Mendes não contraria a norma imposta, mas a subverte: faz do silêncio imputado à mulher um uso que distorce a sua função própria, transformando-o em protesto sem palavras. É pelo silêncio que Maina Mendes se afirma:

alembra-se menina que tolhidinha foi de falas mas o querer era seu e ainda agora ninguém lhas tira se a atazanam e do calamento sempre tirou suas vontades e essa formosura que é como o calamento das serras no trovejar (COSTA, 1977, p. 111).

Diante de uma sociedade em que a mulher é figura ornamental e sem voz, Maina Mendes, obedecendo à norma até o extremismo da mudez chama a atenção para a posição marginal e secundária da mulher dentro da estrutura social. Quando há conformidade com a norma, essa marginalidade geralmente passa despercebida, pois é escamoteada pelas estratégias do poder hegemônico. Ao contrário das táticas de resistência, as estratégias, segundo Michel de Certeau, são

ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugar e visam dominá-los uns pelos outros (CERTEAU, 2003, p. 102).

Não se conformando à norma imposta, Maina Mendes instaura uma “antidisciplina”, utilizando-se de procedimentos sub-reptícios que acabam por minar as estratégias do poder. A figura de Maina Mendes representa, assim, mesmo permanecendo à margem, um espaço de resistência que sinaliza a necessidade de uma tomada de consciência crítica frente à realidade incontestável da exclusão da mulher.

MONFARDINI, A. The Margin in Maria Velho da Costa's *Maina Mendes*: From Space of Exclusion to Space of Resistance. **Olho d'água**, v. 2, n. 2, São José do Rio Preto, p. 114-120, 2010.

Referências

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo - A experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 1980.

BURKE, P. *História e teoria social*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura - O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 1999.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

COSTA, M. V. *Maina Mendes*. 2. ed. Lisboa, Portugal: Moraes, 1977.